

RESENHA DE “O GOZO EN- CENA – SOBRE O MASOQUISMO E A MULHER”. Eliane Z. Schermann. São Paulo: Editora Escuta, 2.003 (288 páginas)

Jefferson Paraná de Sousa

Schermann com esta obra propõe uma reflexão sobre o gozo, o que no inconsciente escapa à linguagem, articulando-o ao desejo. O faz pelas vias do feminino e do masoquismo. Visa pesquisar a reformulação que Lacan opera no Édipo quando define o Real. Para isso trabalha o que está para além do Édipo e da castração. Sua reflexão parte da questão proposta por Lacan: “Será que podemos nos fiar no que a perversão masoquista deve à invenção masculina, para concluir que o masoquismo da mulher é uma fantasia do homem?”.

O tema tem sua relevância no fato de que, para Freud, os enigmas da existência humana eram o feminino e a morte, os quais em sua teoria se equivalem. Freud utilizou-se da morte para conjugar gozo e corpo, quando tratou do masoquismo feminino, o qual é correlato à essência do ser feminino e tem em sua origem o masoquismo primordial, do qual Lacan se utilizou para abordar a repetição e a pulsão de morte. A partir da constatação de que o desejo inconsciente está para além do princípio de prazer e é inimigo tanto do belo quanto do bem, a autora, propõe utilizar-se da tragédia grega e da obra de Nelson Rodrigues para demonstrar o que é o gozo na experiência analítica. Para isso dividiu sua pesquisa em cinco capítulos, os quais nos esforçaremos em referenciá-los de forma a passar o que se pode apreender em cada um deles.

No primeiro capítulo: “O trágico e a experiência analítica”; faz referências às questões relativas à ética da psicanálise, onde inclui um estudo sobre *das Ding*, termo que nos permite verificar a dimensão trágica na experiência analítica. Inclui aí, a tragédia antiga, pois ela nos mostra o que está para além do princípio de prazer. O objetivo é responder: em que o sujeito se apoia para falar? O que funda o sujeito do inconsciente para utilizar a linguagem? O que o sujeito quer dizer? A autora parte de que a ética da psicanálise não é a da felicidade e nem a do bem, mas sim regida pelos paradoxos do gozo, onde a verdade não pode ser toda dita. E é assim porque a estrutura inconsciente é marcada por um oco, o qual determina que a verdade não se encontra toda dita no enunciado. A lógica pela qual o sujeito é estruturado é determinada pela insistência dos traços significantes e por aquilo que é excluído da linguagem, o gozo. O sujeito tenta se representar no Outro, visto que o que diz nunca é o que realmente ele quer dizer. Para além da significação existe o significante do não-senso, aquele significante último, irreduzível, traumático, o qual determina a perda do sujeito e o divide. É aqui que entra a função do objeto ‘a’, como causa da divisão e do desejo do sujeito, pois o seu lugar sempre será de um vazio. É a partir desse vazio do objeto até a satisfação verbal que se dará a articulação significativa em uma experiência analítica, mas, algo sempre escapará a esta articulação. Esse vazio de representação, esse significante faltoso é o responsável pelo fenômeno da repetição e pela historicidade da pulsão de morte. Para demonstrá-lo, a autora trata da primeira identificação, a qual se dá com o pai, afirmando que aí está a origem do traço unário, o qual foi do pai emprestado. O que a experiência analítica faz é abalar as identificações, utilizando-se do desejo de saber do analisante. Nesta via temos a psicanálise como sendo uma experiência trágica. O trágico tem relação com o objeto, o ato do herói trágico se dá a partir do ponto em que atravessa os semblantes do objeto, para ir ao encontro com seu desejo.

Para a autora, a função restritiva do princípio de prazer é oposta à função repetitiva do mais-além, isso porque a noção de repetição carrega consigo a topologia de um limite dado pelo princípio de prazer. Quando este é violado, o prazer cede ao desprazer, o qual nada mais

evoca senão o gozo. O gozo, portanto, “somente toma sentido a partir da repetição provocada pela pulsão de morte” (Schermann, 2003, p. 21). A repetição é a significação do traço unário, o qual é a marca para a morte e diz da irrupção do gozo. A experiência analítica empurra o sujeito a retornar ao lugar que o faz sofrer, e isso ocorre porque a pulsão, sendo parcial, alcança somente em parte representação na linguagem. O que quer dizer que algo fica de fora, uma parte que não se representa, mas que move o desejo humano como condição absoluta.

A autora se referencia ao primeiro objeto de satisfação, o oral, associando-o a ideia de desejo. “O sujeito persegue um objeto que supõe trazer satisfação, mas que, no entanto, apenas evoca o que está perdido desde sempre”. (Schermann, 2003, p. 23). Esta experiência de satisfação primeira introduz uma ruptura entre o sujeito e o objeto, propiciando duas vertentes de prazer, a do excesso e a da realização do desejo. A satisfação é relativa ao gozo e o desejo se dá no traçado do circuito pulsional, o qual delinea e erotiza os buracos do corpo, banhando-os com a linguagem.

Outra articulação da autora refere-se ao desamparo inicial. Naquele momento nos era impossível a execução de uma ação específica e tínhamos que apelar a um Outro, pois a possibilidade de satisfazer ao estímulo endógeno não era sem o Outro. Com isso, pela introdução dos significantes, vindos do Outro, a necessidade biológica ganha outro estatuto, o de ser uma necessidade lógica. No entanto, por serem vazios, os significantes abordam o objeto perdido do ser vivente. O lugar vazio deixado pelo objeto é o que conota o âmago do ser em que ressoa e insiste o gozo. Nisto está o lado trágico da existência humana, ao qual a psicanálise remete o sujeito, por considerá-lo desejanter. O lugar do sujeito é no limite com a Coisa e a pulsão de morte. A linguagem se dá por intermédio da lei de interdição ao incesto a qual funda a estruturação inconsciente por um “não há”, ou seja, na medida em que o sujeito não encontra no Outro a representação simbólica para o seu ser, já que o Outro é castrado, ele, o sujeito, volta-se ao gozo, para tentar apreender esse ser que por vezes desaparece. Temos a constituição da fantasia, em que o sujeito, supondo que o Outro tem aquilo que é da ordem de seu desejo e de seu gozo, torna-se dele tributário. A experiência analítica desnuda o vazio ao qual o próprio sujeito se encontra reduzido em sua fantasia inconsciente. A análise mostra que o desejo do sujeito é o desejo do Outro.

Os heróis trágicos, com o ato, desamparados do significante, vão aos pontos indizíveis da existência, ao que a psicanálise denomina encontro marcado com o Real. O que vale para o herói trágico, vale para o sujeito do inconsciente, ou seja, ambos são determinados pelo ato. O sujeito é efeito do ato analítico.

O segundo capítulo: “Os heróis e os atos trágicos”; trata da diferença entre o que move os heróis daquilo que move os neuróticos. A autora destaca que a arte dos antigos gregos valorizava a pulsão e que o gênero trágico traduziu aspectos da experiência humana que até então eram despercebidos, marcando a presença de um homem interior. Aquilo que o inconsciente hesita em dizer os heróis trágicos enunciam. Assim como o sujeito da psicanálise, o herói trágico encontra-se referido a um vazio da existência. O encontro do herói trágico com o sentido da vida está no limite em que a fala não encontra mais nenhum apoio, no lugar do inevitável da morte, ali onde eclode a verdade última do desejo. Um dos ensinamentos da psicanálise é de que, neste extremo da existência, onde se situa o gozo, o narcisismo é a expressão da coalescência entre a vida e a morte. E com isto fundamenta logicamente o traço mortal, traço responsável pelo movimento repetitivo, o qual, pela linguagem, busca o além do princípio de prazer. Essa morte diz da relação com *das Ding*.

Na tragédia grega, o herói se depara com o que é ‘a sua hora da verdade’, com seu desejo, movido por aquilo que está fora da articulação significante. O ato que impulsiona o

herói é equivalente a um excedente pulsional, um resto de gozo não civilizado pela palavra, daí o caráter acéfalo do herói, o qual se coaduna ao dizer laciano de que lá onde pensa o sujeito não é, subvertendo a lógica cartesiana. Para a psicanálise o ato é um significante, e ele se dá quando a pulsão ultrapassa a divisão subjetiva. Todo sujeito tem, através dos significantes, um trajeto que lhe é próprio, e onde nada há para completar o Outro, pois há algo que sempre excede por não poder ser representado. Com isso ganha importância o conceito “nome-do-pai”, função que une e disjunta o desejo daquilo que é excluído do simbólico, ou seja, do gozo. Com o nome-do-pai, o gozo se separa do desejo e determina as modalidades de gozo que o sujeito desejante irá escolher. Assim, por força do recalçamento, o sujeito neurótico recua de seu gozo. Em *Antígona*, a heroína encarna a lei do desejo, confrontando a verdade de seu desejo com o universal, com a finalidade de negá-lo, para que o universal se afirme no singular do seu ser falante. Quando se anula o universal chega-se ao lugar de entrada do sujeito na sua relação ao significante. A negação, portanto, exerce uma função fundamental na simbolização. Para os heróis trágicos, o que é da ordem do que limita a vida na fantasia, se esvai, o herói atravessa esse ponto mergulhando na falha do Outro.

No terceiro capítulo: “O masoquismo: do pai ao pior e as versões do pai”; trabalha o conceito de masoquismo primário em sua vertente de pulsão de morte. Inclui a angústia, a qual aponta para um além do Édipo, ao gozo do Outro, articulando ao texto freudiano *Bate-se em uma criança*, com o objetivo de abordar o significante fálico em sua relação ao traço unário. O traço unário permite abordar o que há de resto pulsional, não unificado pelo falo imaginário, resto que permeia o gozo externo e ao mesmo tempo íntimo às palavras.

Em Freud o conceito masoquismo mostrou-se em várias vertentes. No *Projeto*, a dor foi considerada o limite, onde a palavra se torna o grito de apelo do sujeito ao Outro. É o pulsional livre deixando marcas no corpo. Na passagem da primeira para a segunda tópica, com a formalização do conceito de pulsão de morte, Freud fala da compulsão à repetição. Distingue três classes para o masoquismo: Primordial, feminino e o moral, com ênfase ao primeiro, onde há a coalescência entre a vida e a morte. O masoquismo, a partir da obra *Problema Econômico do Masoquismo* é considerado estruturante e relacionado à pulsão de morte. A autora propõe a articulação entre o masoquismo e o gozo, pois o masoquismo deixa de ser do campo do pacto perverso para, na fantasia inconsciente, alcançar uma outra forma de satisfação pulsional. O masoquismo primordial tem relação direta com a repetição, com o objeto perdido, com o além do princípio de prazer. A encenação do masoquista visa entregar o seu gozo à satisfação do Outro. Na tentativa de alcançar o gozo, que é inerente a toda estrutura humana, o masoquista constrói uma cena onde o sujeito padece, na carne, da marca do significante Um. A possibilidade para o gozo é a linguagem, o gozo incorporado metaforicamente permite ao corpo ‘fazer-se verbo’, assim ao mesmo tempo o sujeito pode falar e gozar. Na fantasia, formada para responder ao Édipo, podemos encontrar a expressão das pulsões pervertidas, no mais amplo sentido do termo. A fantasia sustenta as balizas para o desejo, agenciando-o na busca por satisfação. O falo se estenderá do registro imaginário ao objeto edificado simbolicamente, passando a ser o significante do desejo materno, será assim, o substituto do gozo faltante da castração materna. Depende da fantasia - como resposta à castração - a escolha de uma posição, seja psicótica, neurótica ou perversa. Temos que a fantasia sustenta uma posição neurótica ou perversa, já na psicose é de uma ausência de fantasia que se trata.

Para abordar a relação entre o masoquismo, a pulsão de morte e a fantasia, temos a função do pai. Freud afirma que em última instância o destino é uma projeção tardia do pai. No desejo de matar o pai está intrínseco o desejo de ser o pai. Para Lacan a função do pai

morto é correlata à função do significante, o qual é causa da repetição. Neste sentido, o significante se afirma como desejo de morte. O pai morto funciona como um operador estrutural entre o gozo esperado e o alcançado, e isso se dá através da repetição do traço simbólico. Assim o Édipo nos ensina que devemos simbolizar a perda de gozo, devemos acreditar que poderemos recuperar o gozo em objetos substitutos. O gozo é o que o sujeito perde ao falar. A autora também trabalha os três tempos da fantasia apresentados no texto *Bate-se em uma criança*, relacionando-os aos três tipos de masoquismo apresentados por Freud no *Problema econômico do Masoquismo*. O Masoquismo erógeno corresponde a coalescência entre Eros e a pulsão de morte e ao prazer pelo sofrimento. Ele é a base dos outros dois tipos de masoquismo, o feminino e o moral. O masoquismo moral é traduzido pelo sentimento inconsciente de culpa, o qual é a necessidade de punição às mãos de um poder paterno. A fantasia de ser espancado pelo pai é muito próxima do desejo de ter uma relação sexual com ele, ou seja, corresponde a uma posição passiva, feminina. O masoquismo moral corresponde a uma deformação regressiva deste desejo. O sentimento de culpa, portanto, é o signo de um gozo insidioso, cujas exigências são dirigidas ao Eu e correspondem à fase do narcisismo original, onde imagem e gozo se conjugavam. Há sempre na fantasia masoquista uma face profanadora e degradante que indica o reconhecimento e o modo de relação proibido do sujeito com o sujeito paterno. O masoquismo moral, portanto, é a voz do Outro na orelha do sujeito. A fantasia ‘bate-se em uma criança’ marca a origem masoquista e coloca a palavra pai como um nome de gozo. Os semblantes têm função apaziguadora ao sujeito, eles possibilitam a ele escapar ao pior, escapar ao mergulho no mais além do princípio de prazer. A autora afirma que, no início de seu ensino, Lacan equivalia o pai morto ao significante e que a partir do seminário *O avesso da psicanálise* passa a equivaler o pai morto ao gozo. “É pela entrada em ação do significante que se pode falar de gozo, sendo que este é correlativo à forma primeira de entrada em ação da marca, do traço unário, que é a marca para a morte”. (Schermann, 2003, p.131).

No quarto capítulo: “O sexual e o trágico do feminino”, a autora fala propriamente sobre o que a psicanálise descobriu sobre a questão: O que quer uma mulher? A mulher se torna mulher por não se acomodar toda sob o primado do falo. O feminino ultrapassa a castração, a qual está desde sempre instalada na mulher, há algo a mais do que fálico no gozo feminino. “Este gozo especificamente feminino, apenas quando mediado pelo gozo fálico, permite que uma mulher se torne Outra para si mesma. É este gozo Outro que inspira poetas, pintores e artistas de um modo geral”. (Schermann, 2003, p.14). Segundo a autora, esse gozo Outro é da ordem de um resto a gozar, há um impossível que é correspondente a um mais-de-gozar. A mulher não ex-siste, isto expressa que nada pode ser dito ou representado sobre o gozo feminino, senão por semblantes. Em Lacan, o enigma da mulher, o enigma do campo do Outro foi deslocado para o enigma do gozo feminino, enigma de um gozo ex-sexo. A noção de privação, a qual se refere à falta de um objeto simbólico no real, ganha peso quando se trata de averiguar sobre a noção de feminino, pois, sua interpretação só é possível através da interpretação pela via da castração. A castração não é da essência da mulher, porque o falo ela não o tem. Para se abordar o enigma do gozo feminino é necessário falar da falta de um significante no real. Em Freud há uma relação particularmente constante entre a feminilidade e a vida pulsional. O que quer uma mulher? Ela quer o falo, ela o inveja, assim Freud cria o termo *penisneid*, que é aquilo que é incurável na mulher. Como a falta está no real, uma mulher experimenta um gozo suplementar que não passa pelo saber do sexo. A expressão lacaniana “não há A mulher” nos permite considerar que a mulher está, por um lado, referenciada à lógica fálica, e por outro, imersa em um discurso sem palavras, mergulhada no

Outro gozo. Para o homem é possível falarmos em uma ilusão do todo fálico, pois o homem encontra o significante de sua virilidade no mesmo lugar em que encontra o significante de seu gozo sexual. Mesmo assim, também o homem, não é todo, pois um significante isolado nada diz. Assim o sujeito, tanto homem como mulher, é da ordem de um falta-a-ser. A lógica do 'não-toda' permite sabermos por que uma mulher se torna mulher, quando ela consente em passar pela lógica fálica, pela castração. A menina ao ver o falo sabe que não o tem, isto é a privação para Freud, é a falta no real. Temos uma articulação entre o *Penisneid* e a privação, pois a mulher para subjetivar sua privação entra na castração e no Édipo. A menina vai buscar, no Outro, o significante do desejo do qual ela é privada. O falo facilita as trocas simbólicas fazendo com que a demanda, signifique exatamente "demandar um significante que possa suprir e significar algo do 'enigma do desejo da mãe'". (Schermann, 2003, p 177). Para a menina o complexo de Édipo é um refúgio de tranquilidade, diferente do que é para o menino. Aí está a importância do falo como significante para evitar que a menina "caia" na zona trágica do gozo. O termo 'devastação' se refere à intensa ligação da menina com a mãe antes da castração. É o que, em Freud, corresponde ao momento em que o pulsional é isento do enquadre fantasmático. As mulheres se dirigem ao corpo do parceiro para encontrar o significante da falta. O amor para a mulher é colocado no mesmo lugar da fenda radical da falta do Outro, por isso a perda de amor por uma mulher é causa de tamanha angústia. Temos uma diferenciação entre a estruturação feminina e masculina, pois o homem visa em seu desejo o objeto 'a' como complemento de sua falta como sujeito e a mulher busca o falo como suplência ao significante faltoso no simbólico e a suplência ao S (A barrado), que é o significante da falta. O homem elege a mulher que ocupará o lugar de seu objeto 'a', enquanto a mulher irá se colocar na posição de consentir em ser objeto do desejo do homem.

No quinto capítulo: "A tragédia do desejo em Nelson Rodrigues", a autora trabalha algumas obras do dramaturgo. Em *Dorotéia*, a personagem que dá nome à peça, mostra que o gozo é interdito a aquele que fala. A personagem mergulha suas raízes na flor do gozo feminino. Outra personagem é Moema, da peça *Senhora dos Afogados*. Em sua relação com o pai, a personagem encarna o significante da morte, tornando-se a encarnação do pai primitivo e gozador. Finalmente a análise sobre *O Anjo Negro*, onde a personagem Virgínia se faz ato de amor para alcançar o seu ser de gozo. Faz do assassinato dos filhos o modo para alcançar o gozo essencialmente feminino. Nas peças, cada personagem é incitado a se deparar com sua própria falta, a mesma falta que é estrutural em todos os seres humanos.

A tragédia sempre coloca o herói no entre-duas-mortes, sendo a primeira inerente a todos os seres vivos, os quais nascem para morrer e a segunda traduz o puro desejo, desejo de morte, evocando os pontos de impasses da existência, evocando a castração. Nesta obra o gozo sexual foi tratado pelas vias do masoquismo, o qual é correlato ao silêncio da morte. Foi constatado que os seres sexuados se fundam apenas em identificações imaginárias sob as quais o sujeito esconde o vazio fundamental da existência. No campo da psicanálise é a transferência que fornece um enquadre à pulsão, colocando o vazio da existência em ato, convocado pela associação livre. Também se constatou que o enigma feminino e do Outro gozo, em seu aspecto trágico, têm consequências para o sujeito, pois desvela uma parte alheia e estranha para ele, parte que não é regida pelo significante fálico. Com isso, uma experiência analítica ao seu final, o sujeito será um passador do feminino. A autora chega a estas conclusões através de um texto denso, onde não recua diante dos conceitos apresentados por Freud e Lacan, indo ao encontro do que do Real eles dizem. Devido à profundidade das abordagens de cada tema, o estudo integral do texto dirá muito mais do que aqui foi exposto, ou do que uma simples leitura poderia dizer dele. É um texto para ser estudado, não apenas

lido.